

Na Feirinha do Tabuleiro tem: Aspectos da sociabilidade presentes em um ambiente de consumo.

Paulo Cesar de Holanda Santos (*Mestrando do N PPA na UFS, Campus São Cristóvão*).
Área do Conhecimento: Ciências Humanas; Antropologia; Antropologia Urbana.

Palavras-chave: Etnografia, Feira-livre, Sociabilidade, Tradição, Consumo.

Introdução

Toda feira livre é um espaço preenchido por uma diversidade rica de relações sociais e construções societárias, para além dela, que estas possibilitam. É também um espaço de permanência de modos de fazer concebidos no passado, e que são adequados e reinventados como forma de resistência contra a modernidade ou de inserção na mesma. Expressam, também, novas formas de comércio e de relações.

O ambiente da feira é composto de tensões, e são estas que possibilitam a construção da feira livre enquanto local distinto e específico de um universo sociocultural. Por isso, vale ressaltar a importância do estudo de uma feira livre quanto fenômeno social contendo uma gama muito vasta de situações particulares que se relacionam em dados momentos, mantendo uma ligação direta ou não, para a permanência destes modos de fazer a feira livre como algo particular. O econômico e o social se complementam nesse ambiente de consumo, e se ligam às histórias de vida dos personagens que compõem uma feira, sendo estes fatores fundamentais para a consolidação desta como atrativa e permanente.

Além de ser concebido, principalmente, como um ambiente de trabalho, onde há toda uma moral relacionada a este, é composta por uma rede de relações que este tipo de comércio proporciona. Há a relação entre os trabalhadores, e principalmente a relação com a freguesia, e com a clientela que por razões distintas, escolhem a feira para adquirir suprimentos, participando da mesma, subsidiando a sua permanência através da interação que lhe é proporcionada.

Objetivo

Através deste pretende-se evidenciar as formas de ocupação e adequação de um espaço urbano, como ingredientes para a conservação de modos de vida tradicionais de populações específicas, e a importância que esta tem para a permanência de modos de fazer que envolve histórias de vida e uma memória coletiva que contrapõe a alguns aspectos da modernidade. Como esse fenômeno tem um caráter agregador de valores individuais e coletivos que estão presentes e são atribuídos pelas pessoas que se relacionam em tal.

A feira livre por si só é diferenciada. O ambiente, as formas de agir, o comportamento das pessoas possibilita uma vasta gama de situações envolvendo os presentes. Diferentemente do costumeiro relacionado às demais práticas de consumo da modernidade, que estão inseridas em uma nova relação com as coisas e com as pessoas, devido à consolidação dos grandes mercados através de uma construção social e cultural voltada para o consumo em massa (LIPOVETSKY, 2007).

A feira livre aqui abordada é a Feirinha¹ do Tabuleiro, localizada no bairro do Tabuleiro do Martins, na cidade de Maceió, capital alagoana. Presente há mais de 40 anos devido a sua importância

socioeconômica, que se somou à decadência de outras feiras próximas, além do crescimento do bairro. Hoje, juntamente com a feira do Jacintinho (Localizada no Bairro do Jacintinho, na mesma cidade), a Feirinha do Tabuleiro contém uma das maiores fluências e se consolida como uma das principais do município.

Uma característica desta feira é que ela sempre aconteceu cotidianamente. As bancas estão, portanto, presentes diariamente, ficando a critério do feirante os dias de abertura, sendo que em qualquer dia da semana boa parte destas atende a clientela. Todavia, são os dias de sexta-feira, sábado e domingo os de maior presença de feirante e fregueses. Sendo por este motivo um fator particular envolvendo o objeto pesquisado, já que normalmente as Feiras tem um caráter esporádico.

Referencial teórico

Um ambiente rico como o de uma feira livre, não pode passar despercebido diante dos olhos de um cientista social. Ela permite levantarmos diversas questões à busca de entender como um ambiente se constitui de forma tão plural e significativa para uma grande parcela da sociedade, resultando na manutenção do tradicional.

Segundo o historiador inglês E. P. Thompson, além dos elementos econômicos e de suas trocas mercantis, “de qualquer modo, o mercado era uma grande ocasião de sociabilidade. Será que ninguém ousa sugerir que o dia do mercado podia ser realmente divertido?” (THOMPSON, 1998, p. 225) De alguma forma a feira é atrativa para as pessoas.

Há um caráter transitório na feira, também em relação aos feirantes, ligado à questão do espaço ocupado por estes. Reparei isto durante o período como feirante, quando ao chegar à banca de Ligiaⁱⁱ percebi que o espaço estava menor. Anteriormente estava sendo utilizando o espaço de uma banca que fica atrás da sua, pois estava desocupada, e justamente neste final de semana o proprietário havia alugado a banca utilizada por Ligia para armazenar alguns produtos, assim como ensacar e empacotar outros, o que acabou diminuindo o espaço da banca. Em decorrência disso ficamos dividindo a área de trânsito interno da banca com caixas, e com as meninas que ficavam até então na área distinta empacotando algumas mercadorias.

Demonstrando um aspecto a mais na relação entre feirantes, a negociação por espaços de trabalho. O que foi motivo de muita inquietação durante o processo de mudança de local da Feirinha, quando esta passou das ruas do bairro para um largo nas proximidadesⁱⁱⁱ. Algo que é importante para a configuração territorial da feira, remetendo diretamente ao espaço de comercialização de alguns feirantes, e assim, na sua renda. Já que dependendo do produto, e da quantidade de espaço para o armazenamento e exposição deste, é que o lucro do trabalhador será mais significativo.

Ocorre uma presença marcante de um colorido todo especial na feirinha. Mesmo sendo quase que totalmente coberta, os raios de sol que penetram, juntamente com as lâmpadas das bancas, são o suficiente para evidenciar esse colorido de frutas, verduras, produtos e pessoas. Assim como a falta de padronização ajuda a proporcionar uma diversidade maior de elementos para essa arquitetura do ambiente da feira. A ocupação do espaço mesmo que determinada e dividida anteriormente por intermédio da prefeitura, não segue uma lógica específica e padronizada.

Neste sentido, o “fazer a feira”, não é entendido somente como a compra e o consumo final. Mas sim a transformação de mercadorias em bem-estar, produzindo o tipo de sociedade na qual a pessoa está inserida, onde a sociedade é o produto (DOUGLAS, 2007), e mais, comporta todas as demandas presentes no ambiente.

É comum avistar pedaços de alimentos pelos cantos e corredores, além de muitos resíduos de mercadorias espalhadas pela feirinha como componente do ambiente que de fato é comum a uma feira livre. A princípio os pedaços de alimentos avistados pela feirinha por uma pessoa estranha ao

ambiente, como eu no início, são visto como algo singular. Mas aos poucos isso me fez perceber as distintas apropriações que as pessoas poderiam fazer sobre estas sobras.

O excedente já cria outra forma de relacionamento entre as pessoas que fazem a feira acontecer. Algumas pessoas dentro da feirinha são pagas pelos feirantes para levarem o excesso de alimentos que sobra dentro das bancas. Pagamento que acontecia em forma de mercadorias ou de alguns trocados. Ou seja, ocorre uma troca como prestação de serviços por mercadorias, e que possibilitam a participação destas pessoas com grande mérito no todo complexo e abundante que é a feira (MAUSS, 1974). Geralmente era sempre a mesma pessoa que fazia este tipo de serviço na banca em que estava presente. Tal fato é um acontecimento que alimenta uma forma de relação que gera uma reciprocidade específica, além de certa dependência entre os trabalhadores que constroem este ambiente plural dentro da sociedade.

A feira é um lugar de socialização muito curioso, onde pessoas se encontram muitas vezes somente aos finais de semana constituindo uma relação de cumplicidade, através dos signos intrínsecos que a feira proporciona. Signos estes da escolha, das palavras, dos olhares, onde tudo é voltado para a aprovação ou rejeição de produtos, preços, atendimentos, e que ganham sentido no momento em que são transmitidos e que há uma percepção do próximo. Os frequentadores acabam se familiarizando com os feirantes, e os feirantes com estes, é “[...] um ambiente vivido que inclui práticas, expectativas herdadas, regras que não só impunham limites aos usos como revelavam possibilidades, normas e sanções tanto da lei como das pressões da vizinhança.” (THOMPSON, 1998, p. 90).

A composição de acontecimentos deste lugar urbano é repleta de formas distintas dos modos de se relacionar em um espaço modernizado e condicionado. Tais práticas são entendidas como parte constitutiva do social, de uma cultura popular que resiste a modernidade, se reinventando e se fortalecendo, e assim permanecendo (MACHADO, 2006).

A Feirinha do Tabuleiro é um ambiente muito rico e plural no que tange as relações sociais que esta abarca. Esta convivência entre pessoas no ambiente de uma feira livre é tão diversa quanto à possibilidade de acontecimentos que estão presentes no local, por ser um ambiente em constante traslado. As relações presentes envolvem a participação das pessoas nas negociações, no atendimento, no convívio entre feirantes e fregueses, no trabalho familiar, e entre outras situações que podem não ser tão presentes, porém não menos importantes.

A ligação entre relações sociais e o negócio da família é muito estreita, devido ao fato de muitas famílias serem criadas no ambiente da feira e participar de uma cultura de integração característico deste meio. Permeado por diversos fatores que influenciam na criação e formação de uma pessoa, por estas estarem sujeitas a uma intermediação entre os princípios familiares e o comércio da família. É uma cultura popular ligada diretamente à cultura de um trabalho específico resignificado e permanente na manutenção dos costumes pertencentes a esta (THOMPSON, 1998).

Metodologia

Os principais métodos de coleta de dados foram à observação, e a observação participante, por compreender que a qualidade de uma pesquisa etnográfica depende diretamente da capacidade de identificar as informações que o campo dispõe, além da aplicação de questionários como forma de atingir um maior número de entrevistados na busca por informações, sem deixar de lado o levantamento documental como forma de situar a feira e sua formação, conseguiu-se identificar uma gama vasta de situações que são cabíveis de serem abordadas cientificamente, que fazem a feira acontecer e que serão trabalhados de forma mais profunda posteriormente.

Os primeiros contatos aconteceram de forma indireta, através de investidas a feira como forma de familiarização com o ambiente na busca por identificar lugares e possíveis situações pertinentes a

uma inserção direta no campo. Através deste, surgiu à necessidade de aplicação de questionários entre os feirantes, por meio de uma abordagem aleatória destes devido ao grande número de trabalhadores, e por utilizar este com a mesma intenção das observações anteriores. Juntamente, com estas duas etapas, e no decorrer de todo o trabalho, houve o levantamento documental nas bibliotecas locais, jornais e veículos de imprensa, como forma de ter subsídio para a compreensão contextual do objeto.

Porém, a parte mais significativa deste trabalho foi adquirida através do período de trabalho como feirante, durante o tempo de observação participante. Foi este que elucidou diversas situações que não poderiam ser vistas a “olho nu”, somente ao transitar pela feira. Mas sim que foram identificadas a partir de meu “pertencimento” nesta.

Conclusão

Diversos fatores exibidos relacionados à composição da feira são as principais motivações que levam as pessoas a participarem e construírem esse fenômeno. É um local repleto de costumes, seja na linguagem, no modo de fazer, de atender e se relacionar com as pessoas e mercadorias, construindo assim significados pertinentes para o posicionamento dentro das tensões existentes, constituindo um elo coletivo através dos costumes que esta engloba.

O trabalho do feirante é uma ação como forma de resistência ao moderno, além de ser entendido como um orgulho por parte dos feirantes devido a um saber específico, realizado por poucos e passado, geralmente, através das gerações. Os domínios do saber fazer, negociar, se relacionar, e se manter na feira, são fatores importantes para a manutenção desta atividade, e por isso, motivo de um sentimento coletivo de responsabilidade e reconhecimento entre os semelhantes.

A Feirinha do Tabuleiro se consolida como um ambiente de permanência de práticas tradicionais de consumo e de fazer a feira. Consumo como algo socialmente construído, composto por aspectos simbólicos presentes nas trocas, e motivado de forma subjetiva. Só o ato dos fregueses estarem presentes na Feirinha, demonstra a importância desta e corresponde a esta como alvo de escolha particular das pessoas, possivelmente motivadas por uma gama de fatores que conduzem estes a um ambiente tão peculiar nos tempos de hoje.

Referências

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. In: Horizontes Antropológicos. UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 13, n. 28 (2007). Porto Alegre: PPGAS, 2007.

FERRETTI, Sergio (Org.). *Reeducando o olhar: Estudos sobre feiras e mercados*. São Luís: Edições UFMA; PROIN (CS), 2000.

GARCIA Jr. Afrânio. *Terra de trabalho e terra de gado. Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos agricultores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO THÉO BRANDÃO. Maceió, 180 anos de História - *As Feiras Livres de Maceió*. Maceió: ITB – Instituto Théo Brandão, 1995.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. *Consumo: Uma perspectiva antropológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre uma sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. “*É o trabalho quem guarda a minha liberdade*”: *moral produtiva e tempo livre entre pescadores artesanais*. In: MANESCHY, Maria Cristina;

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *(Re) significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi — do trabalho ao festar (1950-2000)*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 51, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Volume II. São Paulo: E.P.U. – Editora Pedagógica e Universitária Ltda., EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi; BLEIL, Susana Inez. *A identidade cultural desafia a globalização: o desafio dos agricultores franceses*. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 158-177, outubro/2000.

SATO, Leny. *Processos Cotidianos de Organização do Trabalho na feira Livre*. Artigo, Revista Psicologia e Sociedade, nº19, Edição Especial. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Leonardo Almeida da. (2006), *Um Breve Olhar Etnográfico Sobre a Feira do Passarinho – Maceió – AL.*

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira: Estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2004.

ⁱ “Feirinha” é o modo como ficou conhecida a Feira livre do bairro. Isto não está relacionado às proporções territoriais da feira. A pesquisa foi realizada no período de 2007 e 2010.

ⁱⁱ Ligia foi a feirante proporcionou que eu trabalhasse como feirante por pouco mais de dois meses, trabalhava durante os finais de semana. Ela é uma pessoa que tem no trabalho familiar a principal renda. Seus pais, irmãos e filhos trabalham como feirantes, inclusive crianças.

ⁱⁱⁱ Processo que aconteceu durante o final de 2007 e início de 2008.